

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O CONCEITO E A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA

Maria da Penha Vieira Marçal

Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia/UFU.
Professora do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM)
penhavam@terra.com.br

Suely Aparecida Gomes Moreira

Professora de Geografia/ESEBA/UFU
gomesgeog@yahoo.com.br

RESUMO

O presente estudo é resultado das discussões acerca do conceito e da importância do ensino de Geografia na disciplina de Conteúdo e Metodologia do Ensino de Geografia, ministrada no 6º Período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário de Patos de Minas em 2008. Este trabalho busca contribuir com algumas reflexões sobre o ensino de Geografia a partir do seu conceito como disciplina comprometida em tornar o mundo compreensível, explicável e passível de transformações pelas sociedades que nele vivem. Para efetivar a pesquisa utilizamos a metodologia das representações sociais. A análise dos dados foi organizada em categorias, considerando a Geografia Tradicional e Crítica. Verificamos que a maioria das alunas tem uma representação social do ensino de Geografia como uma disciplina destinada a fornecer informações soltas sobre as partes do mundo. Esse “ensino de Geografia” se sustenta nos pressupostos teórico-metodológicos da Geografia Tradicional, com bases filosóficas no Positivismo. Defendemos que os docentes que ministram as metodologias de ensino nos cursos de formação de professores com habilitação para atuar nas séries iniciais do ensino fundamental, tenham formação específica na área do conteúdo em que ministra. Concluímos afirmando que o ensino de Geografia deve permitir a decodificação da realidade sob o olhar espacial e que nas séries iniciais é, por excelência, uma disciplina que, junto com as demais da área de ciências humanas, favorece o processo de alfabetização da criança ao aprender a ler e escrever a partir do mundo e da vida.

Palavras chave: Ensino de Geografia. Metodologia de ensino. Representação social.

SOCIAL REPRESENTATIONS ABOUT THE CONCEPT AND IMPORTANCE OF GEOGRAPHY TEACHING

ABSTRACT

This paper resulted from discussions concerning the concept and importance of Geography teaching held during the 6th term of the Pedagogy Course – University Center of Patos de Minas – 2008. The subject currently being studied was ‘Content and Methodology of Geography teaching’. Our objective is to contribute to Geography teaching debating on its concept, and showing it as a subject that helps on understanding a world that can be explained and changed by societies as well. In order to carry the research out social representations were used. Data analysis was organized in categories, considering Geography both as Traditional and Critical. It was verified that most of the students have a social representation of Geography teaching as a subject that aims to give loose information about the world. This ‘Geography teaching’ is supported by theoretical-methodological presuppositions of the Traditional Geography, with philosophical bases on Positivism. We understand that those who teach methodology in the courses of teachers’ continuing education that qualify professionals to perform in the first grades of the elementary level, must have a specific education about what they teach. We stand out that Geography teaching must allow reality decoding under a space point of view. Also, that in the first grades it is, above all, a subject that, together with the others of the area of humanities, favors child literacy process when he is learning to read and write, starting from the world and life.

Keywords: Geography teaching. Teaching methodology. Social representation.

A GEOGRAFIA, O SEU ENSINO E SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

O *ensino de Geografia*, na atualidade, deve favorecer a compreensão da construção do espaço geográfico e das relações homem/natureza. O mundo está em constante transformação, principalmente, a partir do acelerado desenvolvimento científico e tecnológico das últimas décadas do século XX. Isso tem contribuído para que ocorra um grande impacto sobre o meio ambiente, o que faz com que o espaço geográfico se transforme, também, muito rapidamente, favorecendo notáveis diferenças sociais e econômicas entre ricos e pobres, como também diferenças entre culturas, religiões regionais.

Segundo Lacoste (2001, p.171) “a Geografia deve estar bem consciente de que, analisando espaços, ela fornece ao poder informações que permitem agir sobre os homens que vivem nesses espaços”. Dessa forma, entender o lugar, a cidade, o país e o planeta são fundamentais para se viver nessa sociedade complexa. Isso explica a utilidade do *ensino de Geografia*, como ferramenta para a reflexão do aluno sobre o mundo em que vive, bem como, contribuir para o desenvolvimento de habilidades e competências que favoreçam sua inserção nessa realidade.

É fato que o *ensino de Geografia* tem uma notável importância para a formação da cidadania. Todavia, as alunas do curso de Pedagogia, sujeitos dessa pesquisa, apresentaram ter conhecimentos superficiais acerca dessa disciplina, não ressaltando que a Geografia pode favorecer a leitura de mundo, uma vez que as mesmas afirmaram que essa disciplina trata do estudo da terra, do estudo dos climas, da população, da economia e, principalmente, do estudo de mapas. Logo; percebe-se que não têm a compreensão do amplo significado da Geografia, visto que associam o seu conceito a uma ciência mnemônica, sem relacionar os seus conteúdos à importância de se analisar a constituição dos territórios, do modo de vida, da apropriação dos recursos naturais, bem como dos problemas socioambientais advindos dessa apropriação.

A espacialização das sociedades vem dar expressão ao modo como as pessoas ocupam, entendem e dominam os espaços. Por isso, Kaercher (1999, p. 58) afirma que:

[...] a Geografia é feita no dia a dia, seja através da construção de uma casa, da plantação de uma lavoura ou através das decisões governamentais ou dos grandes grupos econômicos (empresas transnacionais). Ou, ainda, em nossas andanças/ ações individuais pela cidade (pegar um ônibus, fazer compras, etc.).

O professor de Geografia deve, deste modo, fazer a relação entre os conteúdos ensinados e o contexto de vida de seus alunos. Além disso, este professor de Geografia precisa ser um profissional competente, criativo, dedicado, paciente, democrático, cooperativo e flexível para assim relacionar o conteúdo trabalhado com o cotidiano do aluno. Por isso, é fundamental que esse profissional se atualize constantemente, procurando saber avaliar, zelar pela disciplina da classe, respeitar as diversidades, o ritmo de aprendizagem de cada aluno, planejar suas atividades, comunicar-se com credibilidade, estimular o interesse do aluno e, especialmente, dominar as tecnologias de comunicação e informação.

Essa formação do professor de Geografia vai contribuir para o processo de desenvolvimento do aluno no sentido de favorecer que esse último seja formado para ser um cidadão ligado à comunidade a que pertence. Segundo Bradant (2003, p. 17) “a Geografia é antes de tudo a disciplina que permite, pela descrição, conhecer os lugares onde os acontecimentos se passaram”. Por isso, concordamos com Freire (2003, p. 56-57) ao afirmar que “[...] o educador que, ensinando Geografia, ‘castra’ a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, e a sua capacidade de aventurar-se. Não forma o indivíduo, apenas o domestica”.

As questões geográficas estão cada vez mais presentes nos debates públicos, mesmo quando não são reconhecidas à primeira vista, tais como: a urbanização, os problemas socioambientais, as questões geopolíticas e a constituição dos territórios, dentre outros, os quais estão diretamente relacionados ao domínio e apropriação do espaço. Dessa forma, a Geografia impõe-se como um conteúdo que favorece conhecer e refletir sobre o espaço dos homens para nele saber viver e lutar por uma vida melhor. Por isso, concordamos com Oliveira (2003, p. 142) quando afirma que “cabe a Geografia favorecer a compreensão do processo de organização do espaço geográfico produzido pela sociedade em que vivemos hoje, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a

apropriação que essa sociedade faz da natureza”. Isso exige uma consciência espacial que não se confine ao estreito espaço da vida cotidiana e que favoreça a compreensão de ser e estar no mundo. Esta ideia está sustentada por Ribeiro (2003, p.12) ao afirmar que “a Geografia pode servir para um mundo melhor, no qual a injustiça social, o acesso a serviços de saúde e a distribuição da riqueza sejam mais equânimes. Um mundo que está por vir. Mas que pode começar a ser construído desde já”. Daí, a importância do *ensino de Geografia*.

Quando nos referimos à importância do *ensino de Geografia* para a formação da cidadania falamos em relação à identidade nacional, à comunidade, à participação, aos direitos e a igualdade entre os cidadãos. O componente comum da cidadania está vinculado às experiências de inclusão e exclusão para as quais a leitura do espaço é fundamental. O *ensino de Geografia* é necessário para a formação do cidadão, uma vez que trata de um,

[...] ensino que busque incutir nos alunos uma postura crítica diante da realidade, comprometida com o homem e a sociedade; não com o homem abstrato, mas com o homem concreto, com a sociedade tal qual ela se apresenta, dividida em classes com conflitos e contradições. E contribua para a sua transformação (OLIVEIRA 2003, p. 143).

Logo, conhecer o espaço, nos dias de hoje, é primordial para a formação do cidadão, pois esse fato está associado à ideia de ser membro de uma comunidade política. Isso implica ter uma nacionalidade, o que significa a posse de direitos específicos e o cumprimento de certas obrigações na comunidade em que vive.

Ser cidadão no início do século XXI denota que além de pertencer a uma comunidade específica, é necessário compreender que questões envolvidas pelos conflitos locais aos mundiais, devem ser equilibradas pela equidade de cidadania, respeitando as diferenças de identidades. Segundo Gadotti (1997, p. 312),

[...] a educação pós-moderna trabalha com o conceito-chave “equidade” (buscando a igualdade sem eliminar a diferença). [...] Assim, ela pretende enfrentar o desafio de manter o equilíbrio entre a cultura local, regional, própria de um grupo social ou minoria étnica, e uma cultura universal, patrimônio hoje da humanidade.

Por isso, facilitar a compreensão da organização do espaço é um desafio para os professores de Geografia, dado a complexidade do sistema socioeconômico vigente. Mesmo com tantas dificuldades enfrentadas pelos professores, estes devem favorecer aos seus alunos a compreensão do espaço geográfico na sua complexidade, isto é, fazer uma leitura de mundo contextualizando os fenômenos que nele estão impregnados. Faz-se mister compreender que as práticas sociais que se realizam, concomitantemente, em diferentes espaços ou em um mesmo espaço onde há tempos diversos, os alunos poderão perceber a relação espaço-tempo.

Destarte, Kaercher (1999) confirma a importância do estudo da Geografia para a construção da cidadania, uma vez que se trata de um conhecimento útil para a leitura do mundo, de modo a facilitar a formação de uma sociedade mais crítica e indignada contra toda e qualquer miséria humana. Esta assertiva do autor está amparada nos PCNs que orientam que o objetivo do ensino de Geografia é,

[...] explicar e compreender as relações entre a sociedade e a natureza, e como ocorre a apropriação desta por aquela. Na busca dessa abordagem relacional, a Geografia tem que trabalhar com diferenças noções espaciais e temporais, bem como com os fenômenos sociais, culturais e naturais que são característicos de cada paisagem, para permitir uma compreensão processual e dinâmica de sua constituição. Identificar e relacionar aquilo que na paisagem representa as heranças das sucessivas relações no tempo entre a sociedade e a natureza é um de seus objetivos (BRASIL, 2001, p.109).

Dessa forma, os estudos do **lugar** abrem perspectivas para compreender as diversas formas espaciais criadas por grupos que produzem culturas, identidades e estabelecem relações locais e mundiais. Redimensionar a noção de lugar contribui para o desenvolvimento de um pensar geográfico que contempla a pluralidade cultural. Para Callai (1999, p. 58), “[...] a geografia que o aluno estuda deve permitir que este se perceba como participante do espaço em que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem sejam resultados da vida e do trabalho dos homens e estejam inseridos num processo de desenvolvimento”.

O professor de Geografia tem a missão de resgatar o cotidiano do aluno, bem como, buscar compreender os processos e fenômenos que criam diferentes formas de organização espacial a partir da escola, acreditando que neste lugar se aprende o mundo plural do qual se faz parte. Por isso, acreditamos na necessidade de se trabalhar com múltiplas representações do real, como mapas, relatos dos alunos, poesias, filmes, dentre outras, a fim de compreender que toda representação é parcial e constitui o todo, uma vez que o professor deve analisar as imagens em sua totalidade e procurar contextualizá-las em seu processo de produção (BRASIL, 2001).

Por meio de experiências do cotidiano sabemos que os homens se apropriam do espaço. Nogueira (2002, p. 129) destaca “que Merleau-Ponty afirmava que o homem não se separa do mundo para melhor explicá-lo, pelo contrário, ele o apreende por estar nele, estar envolto nele, viver nele. E enfatizou que o mundo não é aquilo que eu penso, é aquilo que eu vivo”.

As representações sociais das alunas do curso de Pedagogia sobre o conceito e a importância do ensino de Geografia são resultados de suas experiências vividas e das representações que se tem do mundo real. Cada indivíduo é como um ponto singular que, em certa medida, contém o mundo. Em conformidade com Nogueira (2002, p. 129) “os homens que vivem os lugares têm deles todo um saber que se constrói ao longo de suas vidas e que mostra aquela realidade tal qual ela é”.

Por conseguinte, desvelar o cotidiano a partir das necessidades e interesses dos alunos é conhecer os símbolos representados na mente dos mesmos e ultrapassar a visualização do lugar. A prática de se trabalhar com o conhecimento geográfico pode ser prazerosa, pois pode articular os conteúdos à vivência dos discentes. Ao caracterizar o lugar, o aluno pode compreender as relações entre os diferentes fenômenos que, muitas vezes, não se limitam somente ao ambiente em que vivem, mas fazem parte de um espaço maior, ou seja, deve considerar outras escalas espaciais.

Dada a importância e o significado do conhecimento geográfico nos dias atuais buscamos compreender as representações sociais das alunas do curso de Pedagogia sobre o conceito e a importância do *ensino de Geografia*. Consideramos necessário articular o programa da disciplina Conteúdo e Metodologia de Geografia ministrada nesse curso de formação de professores generalistas para atuar nas séries iniciais do ensino fundamental, a uma habilitação que qualifique verdadeiramente e proponha responsabilidade de alfabetizar geograficamente as crianças.

ROMPENDO COM ALGUNS SIGNIFICADOS NATURAIS

O “ensino de Geografia”, no âmbito das décadas de setenta a noventa foi organizado em duas linhas de aproximações do discurso pedagógico, ou seja, o da Geografia Tradicional e da Geografia Crítica. Essas abordagens foram escolhidas para a categorização das respostas das alunas pesquisadas pelo fato de que a maioria estudou Geografia a partir da abordagem das práticas pedagógicas pautadas ora na “dita” Geografia Tradicional, ora na “dita” Geografia Crítica. Buscamos esclarecer que essa denominação das linhas de análise adotadas decorre de um enfoque centrado em questões valorativas apriorísticas, tendo em vista que nas referidas décadas era esse o ponto de vista que classificava o discurso pedagógico no “ensino de Geografia”. No entanto, é mister destacar que essas terminologias acabaram por contribuir para a construção de *clichês* geográficos, que ao contrário de explicar ou entender a realidade contribuíram para a criação de simplificações obscurecedoras (BRAGA, 2003).

Essa dicotomia das linhas geográficas que influenciaram o “ensino de Geografia”, por si só remetia aos termos velho, ultrapassado e ruim para a “Geografia tradicional” e aos termos novo, transformador, bom e revolucionário para a “Geografia crítica”. No entanto, essas características não sintetizam as verdadeiras especificidades de cada linha do pensamento geográfico, uma vez que essas adjetivações foram elaboradas sem nenhuma compreensão dos critérios de análise da Geografia como ciência.

O discurso pedagógico da Geografia Crítica procura desestabilizar as formas de entender o mundo, defendendo outros direcionamentos para as análises geográficas geradas a partir das insatisfações pelas explicações sobre as desigualdades sociais e as contradições espaciais em decorrência das relações capitalistas. “Essas contradições socioeconômicas, materializadas no espaço geográfico pelo rolo compressor da globalização, soterram determinados recortes espaciais, ou seja, os menos privilegiados economicamente” (TONINE, 2003, p. 67).

Portanto, a década de oitenta pode ser caracterizada pela produção dessa Geografia comprometida com esses anseios da sociedade. Na escola pública, essas idéias foram divulgadas, principalmente, por propostas curriculares, em diversos Estados e municípios brasileiros, alterando consideravelmente as práticas educacionais.

Na abordagem da “Geografia Tradicional”, o ensino deveria ser um campo de conhecimento preocupado apenas com os problemas sociais, em que os elementos da natureza deveriam ser estudados apenas como recurso para a sociedade. Isso contribuiu para que o “ensino de Geografia” não se preocupasse mais em compreender os processos naturais em si, mas a natureza como elemento a ser utilizado e apropriado pela sociedade para satisfazer apenas as suas necessidades.

Para Vesentini (2003, p.36) o *ensino de Geografia* passou a abordar “o espaço geográfico como espaço social, construído, pleno de lutas e conflitos sociais [...], estudando a natureza enquanto recurso apropriado pelos homens e enquanto uma dimensão da história, da política”. Assim sendo, as sociedades produzem o espaço conforme seus interesses, em determinados momentos históricos, mostrando que o espaço está implicado na movimentação das relações econômicas em uma visão que organiza territorialmente a sociedade.

COMO ENTENDER AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS ALUNAS?

Para analisar as respostas das alunas às perguntas efetivadas nas aulas da disciplina Conteúdo e Metodologia do Ensino de Geografia no 6º período do curso de Pedagogia no Centro Universitário de Patos de Minas nos ancoramos na teoria das representações sociais sobre o conceito e a importância do *ensino de Geografia* nas séries iniciais do ensino fundamental. Esclarecemos que nesse período do curso de Pedagogia, as alunas estudam as diferentes metodologias como a de Geografia, a de História, a de Ciências, a de Matemática e de Língua Portuguesa, que irão subsidiar o seu trabalho pedagógico nas séries iniciais do ensino fundamental.

Durkheim (1999) foi o primeiro a utilizar o conceito de representações sociais no sentido de representações coletivas, referindo-se a categorias de pensamento, por meio das quais uma determinada sociedade elabora e expressa sua realidade. Para Minayo (2000), as representações sociais se manifestam em condutas e chegam a ser institucionalizadas. No entanto, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais. Não são necessariamente conscientes, uma vez que perpassam a sociedade ou um determinado grupo social. Por isso, nas representações sociais estão presentes elementos tanto de reprodução como de resistência, tanto de tensões e conflitos como de conformismo.

Minayo (2000, p. 174) afirma que “por serem ao mesmo tempo ilusórias, contraditórias e ‘verdadeiras’, as representações podem ser consideradas matéria-prima para análise do social e também para a ação pedagógica-política de transformação, pois retratam a realidade”. Moscovici (1978) esclarece que as representações sociais significam não apenas representar objetos, mas (re) pensá-los, (re) experimentá-los, fazê-los à nossa maneira, em nosso contexto, introduzindo-os no pensamento e no real. As representações sociais significam aquilo que nos permite explicar o mundo que nos cerca e implicam ação, experiência e conhecimento de um objeto ou situação, e os significados que lhes atribuímos. Rangel (2004, p. 56) complementa afirmando que “as representações são determinadas tanto pelos meios de comunicação (jornais, rádio, conversações, etc.) como pela organização social dos que comunicam (Igreja, Partido, Escola, etc.)”. Funciona, pois, como um sistema de apreensão do mundo social.

As experiências acumuladas ao longo da trajetória de um grupo são produtoras de esquemas de percepção, de pensamento e ação que orientam os indivíduos, assegurando-lhes a conformidade e constância de certas práticas através do tempo. Segundo Jodelet (2001), a representação social de um objeto dá-se coletivamente e torna-se específica a um conjunto social. Assim considerada essa representação constrói-se culturalmente seguindo os eventos vivenciados por indivíduos que, dividindo o mesmo espaço de vivência, comunicam e produzem significados e sentidos para cada uma de suas ações. Tais significados e sentidos tornam-se, portanto, parte integrante do sistema de identificação social dos indivíduos.

Em relação aos procedimentos para o desenvolvimento deste trabalho, optamos pela utilização de questões subjetivas visando a compreender como as alunas que estão se habilitando para atuarem nas séries iniciais do ensino fundamental compreendem o conceito da disciplina Geografia, bem como a importância do seu ensino nesse segmento escolar.

Deste modo, elaboramos apenas duas questões, a saber: O que é Geografia? Qual a importância de ensinar Geografia nas séries iniciais do ensino fundamental? Como se tratava apenas de uma avaliação diagnóstica para a elaboração do programa da disciplina, a ser ministrada na referida turma, não foi realizada uma pesquisa piloto, para a avaliação da funcionalidade das questões. Como essas tinham objetivos apenas diagnósticos, a pesquisa foi efetivada com 75 alunas, sendo 54 do curso noturno e 21 do diurno.

A análise das definições de Geografia foi organizada em categorias, considerando as linhas da "Geografia Tradicional" e da "Geografia Crítica", uma vez que foram essas as abordagens feitas no ensino de Geografia nas décadas de setenta a noventa do século XX, período em que as alunas estudaram Geografia na educação básica. Segundo Kimura (2008) a Geografia Crítica foi mencionada tanto por alunos dos cursos de licenciatura em Geografia, como também pelos professores das escolas públicas, entendendo essa abordagem como uma análise crítica à ordem vigente no país.

Na visão dessa autora, essa abordagem de Geografia acabou por adentrar "no ensino básico por meio das propostas de ensino elaboradas no decorrer dos anos de 1980, em especial a 'Proposta Curricular para o ensino de Geografia no Estado de São Paulo', elaborada pela SEE e pela Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas" (SÃO PAULO, 2003, p.167). Essa proposta colocava em pauta o embate o ensino de uma Geografia considerada tradicional, positivista, descritiva e neutra. Essa Geografia "dita" tradicional passou a representar tudo que foi produzido anteriormente, visto como velho, conservador e superável no ensino de Geografia, pois se embasava em um nivelamento da Geografia Geral-positivista com a Geografia Regional-historicista.

Desse modo, o aluno apenas descrevia as partes do mundo como espaços de outros homens, sem conseguir compreender a relação social ou espacial destas com o seu próprio espaço de vivência. Por conseguinte, a transmissão dos conteúdos programáticos, via de regra, ocorria de forma mnemônica, em que o aluno é conduzido pelo professor a repetir pura e simplesmente o que é ensinado e não a refletir sobre o que está sendo ensinado. Esse "ensino de Geografia" se sustenta nos pressupostos teórico-metodológicos da Geografia Tradicional, com bases filosóficas no Positivismo.

Como resultado, verificamos que a maioria das alunas que estão se habilitando para ensinar Geografia nas séries iniciais (78%) tem uma representação social da Geografia como uma disciplina destinada a fornecer informações soltas sobre as partes do mundo. Como exemplo destacamos algumas definições dadas pelas discentes como "Geografia é" *estudar climas, relevos, mapas e sobre os rios*"; "Geografia é" *o clima em que se encontra o espaço em que vivo, o relevo, as montanhas*"; "Geografia é" *estudar o clima, o relevo, a longitude, a latitude*"; "Geografia é" *o estudo da terra*"; "Geografia é" *uma ciência que estuda a tecnologia do nosso universo*.

Isso nos faz defender a necessidade de que os professores que ministram as disciplinas de Metodologia nos cursos de formação de pedagogas (os) tenham uma formação específica na área do conteúdo em que atuam. Defendemos, também, que a Geografia a ser ensinada na educação básica não pode se restringir apenas a uma disciplina que contribua para a formação de indivíduos passivos diante de sua realidade social.

De acordo com as inovações metodológicas do *ensino de Geografia* podemos afirmar que essa é uma disciplina que permite decodificar a realidade sob o olhar espacial. Rego (2000, p.8) enfatiza que "o conhecimento geográfico produzido na escola pode ser o explicitamento do diálogo entre a interioridade dos indivíduos e a exterioridade das condições do espaço geográfico que os condiciona". Por isso, afirmamos que ao finalizar as séries iniciais, o aluno deve ter desenvolvido habilidades e competências para compreender o cotidiano, na perspectiva de sua moradia, de seu município, de sua região e de sua inserção local, regional e mundial, construindo o conhecimento capaz de desencadear o estudo do seu lugar com os outros lugares.

Temos a convicção de que o período das séries iniciais é o momento adequado, também, para desenvolver as bases da linguagem cartográfica, realizando atividades referentes a percursos

e trajetos, com vistas a incorporar as noções de escala, legenda e orientação, a partir de representações do espaço vivido pelo aluno; o que vai favorecer o processo de construção de mapas, além ao elaborá-los (a partir dos pré-mapas).

Em relação à representação social do “ensinar geografia” nas séries iniciais, utilizamos a fundamentação teórica de Abric (2000, p. 27-38), denominada de Teoria do Núcleo Central. Para esse autor

[...] a representação social constitui um universo de opiniões e de crenças organizadas em torno de uma significação central em relação a um objeto determinado, tendo a estrutura interna de uma representação social como principal característica o fato de ser organizada em torno de um **núcleo central**. Este núcleo é o elemento ou conjunto de elementos que permite à representação social a sua significação e coerência. Gerador da significação da representação social, o **núcleo central** é visto em relação aos outros elementos presentes no campo da representação, sendo estes interpretados e avaliados. O **núcleo central** tem assim uma função importante como elemento gerador, organizador e estabilizador da representação social (ABRIC, 2000, p.31). (grifo nosso)

Assim, realizamos uma análise a partir das respostas das alunas, utilizando, principalmente o conjunto de evocações das mesmas para a importância de se ensinar Geografia desde o início do processo de escolarização. Dessa forma, as alunas apresentaram em suas justificativas categorias que integram o Núcleo Central do ensino de Geografia, como é o caso da categoria *espaço* e a relação que este estabelece com as demais palavras das respostas. Sabemos que a categoria *espaço* se constitui em um dos conceitos-chave da Geografia com definição e significado específicos de acordo com cada linha da corrente do pensamento geográfico.

Os significados que essa categoria assume para as alunas pesquisadas podem ser captados a partir dos sentidos a ela atribuídos. Por meio da análise desses significados foi possível constatar que estes se organizam em torno de um sentido hegemônico, o de que espaço é o lugar do homem. Algumas respostas das alunas foram “*Estuda a Geografia para conhecer o espaço que é qualquer área onde se encontra o homem*”; “*A importância da Geografia é estudar o espaço que é o lugar onde o homem vive*”; “*A Geografia ensina sobre a terra*” “*a Geografia estuda o espaço através dos mapas*”.

Nestas respostas das alunas podemos verificar uma tentativa de assimilação do conceito de espaço geográfico defendido pela Geografia Crítica, balizada na perspectiva marxista, uma vez que os seus seguidores compreendem o espaço geográfico como o palco das lutas de classe. No entanto, as alunas pesquisadas, embora tenham sinalizado que aderiram o discurso dessa abordagem do pensamento geográfico à relação homem-espaço, este como produto do primeiro acabou por expressar um entendimento superficial desta categoria de ensino da Geografia. Isso nos faz acreditar que as mesmas reproduziam a aprendizagem mnemônica a que foram submetidas na educação básica. A nosso ver, esse ensino era sustentado na simples memorização, o que se apresenta, portanto, como uma das fontes de rejeição ao aprender Geografia pela maioria dos estudantes, o fato que justifica a sua omissão nas séries iniciais do ensino fundamental.

Pelos dados da pesquisa verificamos que a categoria *espaço* se destacou nas respostas das alunas a partir do Núcleo Central da Representação Social. Todavia, verificamos que essa categoria explícita nas justificativas, sinaliza uma significação mal compreendida e com indícios de que a apropriação de seu significado pelas alunas em sua formação na educação básica, não lhes permitiu a compreensão do que é a disciplina Geografia, bem como a importância da mesma para a formação de um cidadão com raciocínio geográfico. Enfim, não foi especificada em nenhuma justificativa as demais categorias de ensino da Geografia que devem ser utilizadas nas séries iniciais como paisagem, lugar e território. Isso nos fez categorizar as respostas das alunas na abordagem da “Geografia Tradicional”.

No processo de escolarização, “faz-se necessário identificar e discriminar o que significa mundo para as crianças, verificando em suas noções de **paisagem, lugar, território** como compreendem os espaço geográfico do planeta”. (MINAS GERAIS, 2001) (grifos do autor). No entanto, apesar das diferentes abordagens do *ensino de Geografia*, acreditamos que o discurso pedagógico vem sendo (re)elaborado em perspectivas que privilegiam a influência humanística. O espaço sob esse ponto de vista pode ser caracterizado como um lugar

carregado de significações em que a ação humana não pode estar separada de seu contexto, onde o homem produz sua cultura fazendo com que as análises geográficas devem ter suas interpretações relativas, ou seja, os contextos são próprios e específicos a cada manifestação de arte no espaço geográfico (TONINE, 2003). Para esse autor o discurso geográfico está articulado ao processo de globalização na sua tentativa de homogeneizar a paisagem natural.

Segundo Callai (2009) um dos grandes desafios para o ensino de Geografia nas séries iniciais é o fato de que os professores que nelas atuam demonstram não ter conhecimentos significativos acerca do que é importante trabalhar no *ensino de Geografia*. Isso faz com não tenham habilidades necessárias para tornar a Geografia um conteúdo significativo para as crianças. Daí, a nossa preocupação enquanto professora da disciplina de Conteúdo e Metodologia do Ensino de Geografia no curso de Pedagogia, no sentido de que a formação por meio da disciplina conteúdo e Metodologia de Ensino de Geografia possa favorecer às pedagogas que irão atuar nas séries iniciais a convicção de que o *ensino de Geografia* não é para a escola, ou para os professores, mas é, com certeza para que cada um se entenda como sujeito da sua história ao viver a sua vida e produzir o seu espaço (CALLAI, 2009).

CONCLUSÃO

Podemos finalizar nosso estudo com a certeza de que a escola necessita incorporar em seus processos pedagógicos os significados contextuais de cada disciplina a ser ministrada. Na atualidade, a escola básica existe como um lugar de aprendizagem enquanto direito inquestionável, enquanto dever constitucional que necessita cumprir determinadas obrigações que o *ensino de Geografia* pode contribuir.

Temos a convicção de que a investigação histórica da Geografia e o entendimento das transformações sofridas, ao longo de sua trajetória tanto no nível interpretativo como no metodológico, não são condições para promover apenas a compreensão da atualidade desse conhecimento, mas, sobretudo, para proporcionar novas possibilidades frente a ele (SILVA, 2000).

Freire (1986, p. 164) salienta que,

[...] ao ler palavras, a escola se torna um lugar especial que nos ensina a ler apenas as 'palavras da escola', e não as 'palavras da realidade'. O outro mundo, o mundo dos fatos, o mundo da vida, o mundo no qual os eventos estão muito vivos, o mundo das lutas, o mundo da discriminação e da crise econômica (todas essas coisas estão aí), não tem contato algum com os alunos na escola através das palavras que a escola exige que eles leiam.

Assim, defendemos que o *ensino de Geografia* nas séries iniciais do ensino fundamental é, por excelência, uma disciplina que, junto com as demais disciplinas da área de ciências humanas pode favorecer o processo de alfabetização da criança ao aprender a ler e escrever o mundo da vida.

Para Santos (1996, p.79) “as representações sociais indicam modos de pensamento sobre os objetos sociais, mas elas têm uma importante influência no que concerne o modo como o sujeito se define em relação a esses objetos”. Isso nos permite acreditar que as representações sociais das alunas do curso de Pedagogia se apresentam, portanto, como uma avaliação diagnóstica para que o programa da disciplina Conteúdo e Metodologia do Ensino de Geografia seja reformulado de maneira a buscar superar o ensino de Geografia que forma indivíduos passivos diante de sua realidade social e que contribui para a reprodução e a perpetuação da realidade social contraditória que hoje vivenciamos.

Enfim, concluímos que as respostas das alunas do Curso de Pedagogia do UNIPAM são indicativos de aprendizagem que não podem ser desprezados e/ou descartados, tendo em vista as suas representações sociais. Devem, portanto, ser consideradas nos contextos os quais se inserem, devendo estar presentes nas discussões que visam a refletir sobre as metodologias de ensino-aprendizagem, bem como a importância do *ensino de Geografia*, principalmente, nas séries iniciais do ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. P. S. e OLIVEIRA, D. C. (Org.) **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2. ed. Goiânia: AB editora, 2000.
- BRADANT, J. M. Crise da Geografia, crise da escola. In: OLIVEIRA, A. U. *et al* (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?** 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 15-23.
- BRAGA, R. B. Geografia como ciência e como disciplina escolar. In: SALGADO, M. U. C.; MIRANDA, G. V. (Org.). **Veredas**-formação superior de professores: módulo 3-v. 3/SEE-MG. Belo Horizonte: SEE-MG, 2003. p. 53-85.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. 3 ed. Brasília: A Secretaria, 2001.
- CALLAI, H. C. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, A C. *et al* (Org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade.UFRGS/AGB, 1999. p 57-63.
- _____. **A Geografia no início da escolaridade**. Disponível em: <http://egal2009.easyplanners.info/area03/3392_Callai_Helena_Copetti.doc>. Acesso em: 31 maio 2009.
- DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. 2. ed. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos). Tradução de Lés règles de la méthode Sociologique.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 27 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. (Coleção Leitura).
- _____; SHOR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Tradução de Adriana Lopez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (Coleção Educação e Comunicação, v. 18).
- GADOTTI, M. **História das idéias pedagógicas**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro. EdUERJ. 2001.
- KIMURA, S. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. São Paulo: contexto, 2008.
- LACOSTE, Y. **A Geografia-Iso serve em primeiro lugar para fazer a guerra**. 5 ed. Papyrus, 2001.
- KAERCHER, N. A. A Geografia é o nosso dia a dia. In: CASTROGIOVANNI, A C. *et al* (Org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS/AGB, 1999. p 57-63.
- MARÇAL, M. P. V. **Educação ambiental e representações sociais de meio ambiente: uma análise da prática pedagógica no ensino fundamental de Patos de Minas – MG**. 2005. 210 p. Dissertação. (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.
- MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. Programa de Capacitação de Professores-PROCAP- Fase Escola Sagarana. **Caderno de Geografia**. Ciclo Básico e Intermediário das Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Belo Horizonte, 2001.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. 7. ed. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- NOGUEIRA, A. R. B. Mapa mental: recurso didático para o estudo do lugar. In: PONTUSCHKA, N. *et al* (Org.). **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 125-131.
- OLIVEIRA, A. U. Educação e ensino de Geografia na realidade brasileira. In: OLIVEIRA, A. U. *et al* (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 135-144.

RANGEL, M. **A pesquisa de representação social como forma de enfrentamento de problemas socioeducacionais**. Aparecida: Ideias & Letras, 2004.

RIBEIRO, W. C. Prefácio. In: TONINI, I. M. **Geografia escolar: uma história sobre seus discursos pedagógicos**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

REGO, N. *et al.* **Geografia e educação: geração de ambiências**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

SÃO PAULO. Secretaria de Estado de Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Proposta Curricular para o ensino de Geografia no Estado de São Paulo**. SEE/SP, 2003.

SANTOS, M. Por uma Geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. **Boletim Gaúcho da Geografia**. Porto Alegre, n. 21, p. 7-14, 1996.

SILVA, A. M. R.; FIOREZE, Z. G. Geografia, ciência e ensino. **Boletim Gaúcho de Geografia**. Porto Alegre, n. 26, p. 9-21, 2000.

TONINI, I. M. **Geografia escolar: uma história sobre seus discursos pedagógicos**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

VESENTINI, J. W. Geografia crítica e ensino. In: OLIVEIRA, A. U. *et al* (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 30-38.